



## **Seriedade e Riso nas Cidades Medievais<sup>1</sup>**

José Carlos RODRIGUES<sup>2</sup>  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

### **RESUMO**

São riquíssimas as manifestações da cultura popular medieval de caráter festivo. Diferente da imagem lúgubre de uma “selva de pedra” ou de uma “noite de mil anos”, a cultura medieval abrigou uma imensa variedade de ritos e de espetáculos, como festejos carnavalescos e obras cômicas apresentadas em praça pública, jogos verbais como desafios e paródias, insultos orais, gestos obscenos, juramentos blasfêmicos, relações jocosas, vocabulário chulo, saudações irônicas...

**PALAVRAS-CHAVE:** cidades medievais, ritos, comunicação, humor.

### **TEXTO DO TRABALHO**

Certamente ainda não conseguimos nos livrar do problema que afligiu Lucien Febvre (1947: 60) há várias décadas, quando decidiu estudar o problema da sensibilidade na história: “afinal, como poderão os historiadores compreender os homens de outrora, com uma psicologia saída da observação dos homens do século XX?”.

As danças macabras medievais, por exemplo, em que vivos e cadáveres bailavam, continham conotações exatamente opostas às da sisudez mórbida que lhes costumamos atribuir. Tais danças expressavam - para a nossa incredulidade - exatamente a ligação alegre entre viver e morrer, entre estruturação e decomposição. Expressavam a tranquilidade propiciada pela crença que tinham na não separação entre os vivos e os mortos, por um lado, e entre espírito e matéria, por outro. Na iconografia das danças macabras o personagem que dançava absolutamente não reproduzia a Morte, como a concebemos hoje, mas um cadáver como se o entendia nos tempos medievais, isto é, um homem vivo tal como existia em sua inteireza, alguém que dormia à espera do Grande Despertar.

Sem abandonar a sensibilidade de homens do século XX não poderemos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio.



compreender que se tratava de uma dança com os mortos, não de um bailado com a morte. Não poderemos perceber que esta dança enfatizava a fragilidade das coisas terrenas, ao mesmo tempo em que ressaltavam o valor especial que elas tinham. Com uma sensibilidade anacrônica, talvez nos escapasse que a dança macabra exibia a pequenez da vaidade e das pretensões de superioridade, uma vez que a morte nivelava todos, potentados e desprotegidos. A dança com os mortos não representava de modo algum uma espécie de consolo contra a falta de sentido de morrer, ou mesmo inconformidade contra a ausência dos que se foram. Sem nos colocar dentro da sensibilidade medieval não poderemos acomodar em nossas mentes o fato de que esta dança contivesse o lúdico como uma de suas facetas mais importantes. Nem conseguiremos dar conta de que ocorresse em uma situação na qual as pessoas - sobretudo as dos segmentos mais pagãos e pobres - acreditavam emocionada e fervorosamente no princípio da ressurreição da carne.

A admissão intelectual e afetiva desse princípio de ressurreição da carne nos permite alguma aproximação da idéia de que nessas danças os homens medievais celebravam de um modo alegre, pois desprovidos das razões de nossas angústias, a inexistência de solução de continuidade entre decomposição e recomposição, decadência e regeneração...

Mas não se trata apenas de entender uma alegria descontraída. Huizinga (1978) já havia chamado nossa atenção para o fato de que “alguém de nossos dias teria dificuldade de entender a emotividade extraordinária da alma medieval”. Pois bem, esta emotividade exacerbada em nenhum outro lugar se manifestava de modo mais intenso que na fé e a vibração da fé deslocava montanhas na sensibilidade e fazia ser lúdico o clima em que se desenrolavam as cenas que hoje nos estarrecem e apavoram. No lugar de horripilar, fazia com que essas danças e o que representavam tivessem sentido festivo e se associasse às orgias, aos rega-bofes, às bebedeiras, às folias...

Mikhail Bakhtin (1987) se aventurou a decifrar os surpreendentes mistérios da festividade medieval. É impossível retornar da viagem que nos propõe sem passar por transformações intelectuais. Com Bakhtin aprendemos que a Idade Média era totalmente impregnada de uma visão carnavalesca do mundo. Por causa desse modo carnavalesco de o olhar, o mundo ficava inteiramente liberado daquilo que pudesse haver de atemorizador. Isto porque a irreverência do olhar carnavalesco transformava o horrorizante em “inofensivo, alegre e luminoso”, segundo suas palavras. Tudo o que seria terrível e espantoso no mundo habitual no carnavalesco passava a “alegres



espantalhos cômicos”.

Assim, o medo, expressão extrema de uma seriedade unilateral e estúpida, era derrotado, na visão carnavalesca, pelo riso. Por esta razão, os cadáveres, o lixo, as feridas, etc. terminavam por desenhar um mundo onde em lugar de separação de si, o ser humano se encontrava consigo próprio. Acreditando que a morte é um sonho e que os mortos dormem e descansam enquanto aguarda o grande despertar coletivo, talvez nos tempos medievais se tivesse mais temor à vida que à própria morte. Segundo Bakhtin, “ao morrer o mundo dá à luz”. O corolário deste axioma é que os resíduos transmitiam para os medievais a mensagem reconfortante e feliz de que tudo o que existia seria destruído, mas apenas para se renovar continuamente. Ensinavam que tudo estava impregnado da alegria da mudança e da revitalização. Para a mentalidade medieval, contudo, esta renovação não se efetuava por emoções interiores, abstratas, remotas e secretas. Concretizava-se como algo que tomava posse da integralidade existencial do ser humano, de seus pensares, de seus sentires e, sobretudo, de seu corpo.

Entre as figuras medievais de corpo a que Bakhtin dá especial atenção estão as “velhas grávidas” (Idem: 23). Nelas os sinais de decadência e de decrepitude se unem à representação de uma gigantesca barriga a sinalizar que a anciã estava prestes a dar à luz. Tais imagens, na interpretação Bakhtin, buscavam expressar de maneira cômica a recusa de antinomias, correntes para os seres dos séculos posteriores, entre vida e morte, decadência e florescimento, início e fim. Nas velhas-grávidas-que-riem estes termos se amalgamavam todos em um mesmo corpo, cujo rosto ria. Nelas encontramos dois corpos em um. Juntos, estes corpos exprimem a vida nova e a vida velha, a degeneração e a regeneração em suas mútuas e muitas interpenetrações. O corpo disforme e desestruturado da velhice contém a corporalidade ainda embrionária da nova vida. Assim, vida nova, vida velha, tudo é um; tudo é vida. Na imagem da velha-grávida-que-ri a vida se mostra em sua natureza ambivalente e interiormente contraditória. Revela-se nuamente como ela é, como um fluxo em que cada minuto vivido é também um passo para a morte.

Nas vidas medievais a festa e a carnavalização estão por toda parte, conforme Bakhtin destacou. Estão nas cidades, mas também nos campos, nas casas dos pobres, nos castelos, nas igrejas. As celebrações são ocasiões de muitos conflitos, mas, sobretudo, oportunidades de ritualização, de circunscrição e de controle social destes conflitos. São ocasiões, por exemplo, que rapazes aproveitam para violar as moças; circunstâncias nas quais mulheres abandonadas pelos esposos são atacadas sexualmente;



são momentos em que maridos ausentes têm suas mulheres procuradas... As festas são instantes em que os transbordamentos permitem aflorar rivalidades, em que transgressões degeneram em mal-entendidos e desentendimentos. Mas são também circunstâncias propícias às soluções amigáveis, às confraternizações, ao reforço dos vínculos de solidariedade. A festividade é simultaneamente todas essas coisas - encontros e desencontros, comemoração e conflito sempre matizados por um estilo característico, governado pela alegria e pelo transbordamento.

São riquíssimas as manifestações da cultura popular medieval, nesse seu lado festivo. Havia imensa variedade de ritos e de espetáculos, tais como festejos carnavalescos e obras cômicas apresentadas em praça pública, jogos verbais como desafios e paródias, insultos verbais, gestualidade obscena, juramentos blasfêmicos, estilos de relacionamento jocoso envolvendo vocabulário chulo, saudações irônicas... Havia os carnavais no sentido estrito, com todos os atos e ritos cômicos que o compunham e que ocupavam um lugar muito importante no calendário da vida do homem medieval, envolvendo diversos atos e cortejos, semelhantes a complicadas procissões que enchiam as praças e as ruas estreitas e tortuosas.

Nas cidades medievais havia as festas dos tolos, as festas do asno, a ridicularização do rei, as abadias de desgoverno, os charivaris, o riso pascal, o riso do natal, as festas de padroeiros, as celebrações dos solstícios, do ano novo, do dia de reis, dos santos, de páscoa, dos casamentos... Todas essas eram ocasiões marcadas pela irreverência e pela insolência com relação a tudo (Davis: 1990: 87-106; Heers: 1988). Nesses momentos as pessoas saíam pelas ruas praticando maluquices, tolices, palhaçadas e bobagens. Eram ocasiões em que alguns, de preferência membros dos estratos superiores, eram escolhidos para serem ridicularizados em virtude das besteiras e estultices que tivessem praticado, pela reputação má que tivessem adquirido ou por causa de suas eventualmente criticáveis maneiras de tratar as outras pessoas.

A festa dos bobos ridicularizava as instituições, ironizava o sério, fazia de tudo uma brincadeira, transformando a vida e a morte em fruição lúdica. Ela talvez seja um bom exemplo para ilustrar aquilo que estamos evocando. Nela, em vez de incenso, os padres usavam excrementos; em lugar de benzer com água-benta, abençoavam com urina. Terminada a missa, as pessoas saíam em uma espécie de cortejo, durante o qual os padres eram transportados em uma carroça carregada de excrementos, onde afundavam as mãos para retirar porções que atiravam sobre a população. Este cometimento eles alternavam com o gesto de urinar escancarada e debochadamente



sobre as pessoas. As festas dos loucos envolviam inversões paródicas, mascaradas, danças obscenas, incitamento à volúpia, desnudamento, glotonaria e embriaguez no próprio altar. Tudo isto frequentemente se traduzia no regozijo particularmente desenfreado do clero. As festas do asno lembravam a fuga de Maria e do menino Jesus do Egito. Mas o centro da festa era o jumento. Nas missas associadas a essas festividades o padre zurrava três vezes ao final, obtendo da parte dos fiéis, em lugar do “amém!”, outros três relinchos.

Quase todas as festas medievais, especificamente religiosas ou não, possuíam um aspecto cômico, popular, público e carnavalesco, consagrado pela tradição - como as festas do templo, que envolviam feiras e cortejos, gigantes, anões, animais amestrados, eleições de reis e de rainhas de faz-de-conta... A própria representação dos mistérios se dava em ambiente carnavalizado. Isto acontecia com as festas agrícolas, como a vindima, que também se celebrava nas cidades medievais que, como se sabe, eram quase rurais. A carnavalesco aparecia ainda nos ritos e cerimônias civis da vida cotidiana, pois estes sempre se faziam acompanhados dos risos e das brincadeiras. Bobos e bufões assistiam quase sempre às funções do cerimonial sério. Parodiavam e arremedavam irreverentemente os atos sérios que o compunham.

Não se tratava de mera teatralização, de mera encenação, que pretendesse ser puramente artística. O puramente artístico não existia na Idade Média. Obviamente há uma relação extraordinariamente íntima entre a encenação teatralizada e a carnavalesco medieval. Mas esta relação é de entrelaçamento: o carnaval medieval se situa nas fronteiras entre a arte e a vida. É uma festa que a população se oferece a si mesma. Nos tempos medievais, o carnaval é a própria vida representada. A vida apresentada e representada por cada um a si mesmo e aos demais, por intermédio dos elementos característicos da encenação. Como vida carnavalesca, não há, neste cenário, distinção entre atores e espectadores, algo que o Ocidente só conheceu mais tarde. Não há palco para atores representarem o carnaval. Ninguém “assiste” ao carnaval, assim como não se faz mera encenação. Ninguém se exterioriza como um “espectador” da vida social; ninguém pode observá-la como se não fizesse parte dela não. Todos apenas vivem o carnaval, representando o espetáculo da vida para si próprios e para os outros. Não há barreiras nítidas, todos são ao mesmo tempo sujeitos e objetos da carnavalesco.

Contrastando com as festas oficiais, o carnaval nas cidades medievais se caracterizava pela neutralização das relações hierárquicas, tentando abolir e ridicularizar



as insígnias que marcavam distinções sociais. A finalidade da carnavalização era a apologia da igualdade, a consagração da comunidade e celebração da fusão de todos com todos, de tudo com tudo, pela liberação do contato livre e familiar, pela abolição das barreiras estruturais. O carnaval faz um interessante contraponto simbólico às hierarquias formais da sociedade feudal, com suas extremas compartimentações em estratos e corporações.

É importantíssimo ter em mente este lado dionisíaco da cultura medieval, pois foi quase apenas a faceta ordenada e hierarquizante, que só começou a se tornar relevante a partir dos séculos XIII e XV (Bloch: 1968: 451-2), dependendo do lugar, que enganosamente permaneceu no imaginário das sociedades “modernas” e “democráticas” sobre a Idade Média. Esta imagem desprezou o fato de que a nobreza foi um acontecimento relativamente tardio no Ocidente, suprimindo, quase sempre com finalidades ideológicas, a dimensão de riso e de gargalhada dessa Idade Média carnalizadora, que estava sempre presente nos cotidianos. Relegou-se a plano insignificante a Idade Média das festividades carnavalescas, que, nas grandes cidades, segundo Bakhtin (Id.: 11), “chegavam a durar três meses por ano no total”.

\*

O desdém carnavalesco pela hierarquia e pela separação é apenas uma das manifestações possíveis do princípio fundamental da “lógica ao contrário” ou ao “avesso”. Por este princípio, fazem sentido as constantes permutações simbólicas entre o “alto” e o “baixo”, entre o “estruturado” e o “decomposto”, entre o “interior” e o “exterior”, que terminam por desenhar um mundo “invertido”. É exatamente essa lógica carnavalesca que comparece para dar sentido aceitável e compreensível, na mentalidade e na sensibilidade medievais, à mistura de tudo com tudo, à convivência e ao amontoamento, à presença daquilo que poderíamos chamar, a partir de nossa sensibilidade de pessoas do século XXI, de “coexistência de insuportáveis”. Por esta lógica, vivos e mortos se permutam, vida e morte se equivalem, putrefação e regeneração dão no mesmo. *Inter faeces et urinam...*

A vida cotidiana nas cidades medievais transcorria em cenários eminentemente festivos. Eram raras as portas, o dia a dia fluía a céu aberto, as pessoas se encontravam nas ruas, nas tabernas, nos mercados e nas praças, ambientes borbulhantes, efervescentes e festivos, muito mais voltados para o consumo e para a consumação que para o trabalho e a produção. As festas praticamente tomavam conta da preocupação da vida medieval: passava-se parte ponderável do tempo recordando-se e comentando a



última festa, ou preparando-se para a seguinte. O direito de comparecer às festividades não suportava privilégios, pois todos estavam tacitamente convidados para batizados, casamentos, funerais, comemorações de tosquia, de colheita... Os “convidados” apareciam como se possuíssem direito automático a isto. Este direito, no entanto, não excluía obrigações, pois não comparecer configurava ofensa tão grave quanto deixar de convidar (Thomas: 1991: 449).

A bebida fazia parte integrante do dia a dia da sociabilidade. Os testemunhos sugerem que o consumo era enorme. Bebia-se para conversar, conversava-se para beber. Não havia transações comerciais que não se fizessem acompanhar de uns tragos. Comuns nas cidades, os canecos não se excluía também dos campos e das oficinas. Desde longas datas, mas sobretudo com a ascensão da ética protestante, os pregadores levantaram queixas quanto a os trabalhadores se embebedarem rotineiramente, pelo menos uma vez por semana. Na Inglaterra (idem: 29), visitantes estrangeiros registraram que os artesãos não deixavam passar um dia sem comparecer à taverna. A cerveja era bebida de preparo fácil, caseiro e de preço acessível, constituindo ingrediente básico na alimentação de todos, adultos e crianças. Poderíamos ainda falar da ingestão de vinhos, sempre muito popular, e do consumo cada vez crescente dos alcoóis destilados. Bebia-se sempre, quer nos cenários mais reservados, quer nos ambientes públicos.

O mais público dos cenários medievais era exatamente a igreja, como se sabe. A maior parte das celebrações e festividades ocorria exatamente aí, seja no interior do templo, seja em suas vizinhanças. A igreja era um espaço em que ocorriam as coisas mais “profanas” (com desculpas pelo anacronismo da expressão). Mas é importante lembrar que o catolicismo medieval ainda se apresentava em grande medida uma religião pagã, que no paganismo os deuses se divertiam e que os demônios também apresentavam certa bonomia. Fastas ou nefastas, assim como os homens e as mulheres, as divindades encontravam prazer nas atividades lúdicas.

Para compreender este ponto é preciso termos em mente que a nossa sensibilidade católica hodierna tem tendência a confundir a emoção do divino com gestualidade formal e severa solenização. No entanto, a igreja nem sempre foi este lugar que agora conhecemos: o de separação radical entre sagrado e profano, onde não se fala senão em voz baixa; aquele no qual se deve inclinar a cabeça para sinalizar respeito, em que devemos nos ajoelhar para expressar inferioridade... Mesmo a cruz não era mostrada como instrumento de suplício, nem Cristo era a representação do sofrimento.





De modo muito diferente, antes do ano mil estes símbolos eram fundamentalmente emblemas alegres de um triunfo, evocação da vitória radiante, de norte a sul, de leste a oeste, sobre forças ameaçadoras. Apenas por volta de 1100 a cruz começou a ser exibida com uma significação nova e o corpo de Cristo passou a aparecer triturado e significando dor (Duby: 1988: 9).

A igreja medieval era, portanto, lugar que servia aos mais leigos dos propósitos. Espaço onde se permitia aplaudir os sermões, terreno em que se dançava e cantava. Nos primeiros tempos medievais não existia diferença entre músicas profanas e músicas sacras, de modo que as melodias que se cantavam na igreja eram as mesmas que se entoavam no trabalho cotidiano, em outros locais e em outras atividades. Longe ainda dos tempos em que os regulamentos dos sínodos recomendarão aos bispos não frequentar prostíbulos e tavernas, a igreja da Idade Média era ainda um ambiente nos quais os animais compareciam e onde praticavam tudo o que costumavam fazer em outros contextos.

O contexto medieval era de extrema intimidade com as coisas sagradas. Coerentemente, o templo era também lugar de comidas e bebidas, de namoros e pileques... Em algumas paróquias era costumeiro comer e beber à mesa de comunhão. Comungar comendo, literalmente: participando de uma ceia, não apenas ingerindo uma hóstia inodora e insípida. A iconografia nos remete a estórias nas quais aparecem imagens que representam Jesus distribuindo vinho a pessoas que se embriagam. As metáforas dos discursos remetem a pessoas ébrias do “leite de Maria” - cenas que oferecem uma conotação totalmente báquica das relações entre homens e divindades, sobretudo pelo recurso à remissão constante da segunda à escala dos primeiros e pela humanização de tudo o que fosse sublime.

Havia mesmo alguma expectativa tradicional de que semelhantes acontecimentos ocorressem. Não há risco de exagerar a presença de “festas do amor” e de “cervejadas” nas igrejas em ocasiões como Páscoa e outras celebrações do calendário. Fundamentalmente, não havia insolência em misturar prazer com religião: as peregrinações o ilustram, pois eram também momentos eróticos, ocasiões para grandes libertinagens; as procissões resultavam frequentemente em cavalgadas grotescas e lascivas; jovens sacerdotes costumavam comemorar em prostíbulos as suas primeiras missas...

Se estes fatos chocam nossa sensibilidade de pessoas do século XXI, é preciso lembrar que, para a opinião coletiva medieval isso não representava qualquer absurdo.





Mediante penitências públicas, toleravam-se prevaricações, concubinatos, repúdios (Rossiaud: 1991: 14; Heers: 6). O sínodo de Paris em 1074 recusou-se a aceitar o celibato dos padres, considerando-o contrário à razão e à natureza humana (Dalarun: 1990: 17-8). Isto se deve ao fato de que não configurava sacrilégio misturar o místico com o lúbrico, o prazeroso com a religiosidade. Registremos, entretanto, que tudo isso acontecia ao lado de sepulturas entreabertas e no envolvimento das visões e dos cheiros que delas escapavam.

Um dos modos fundamentais de manifestação deste espírito zombeteiro era a paródia. Nada escapava ao deboche, à gozação, à ironia, à jocosidade e à brincadeira. Paródias das formas religiosas: sermões feitos por palhaços em louvor ao roubo, à bebedeira, à loucura, ao adultério; sermões de padres fazendo palhaçadas, parodiando atos criticáveis; paródias do evangelho, do catecismo, dos mandamentos, do credo, do pai-nosso, da ave-maria; paródias dos hinos religiosos, das litânias, dos testamentos (do porco, do corno, do asno, do bêbado...); liturgias paródicas (dos beberrões, dos jogadores, etc.); paródias dos epitáfios, das decisões conciliares... Paródias, sobretudo, dos mandamentos. Havia ainda vários modos de parodiar as formas jurídicas: proclamações simuladas, julgamentos faz-de-conta, tribunais de brincadeira, testamentos gaiatos, decretos galhofeiros e assim por diante (Burke: 1989: 146-7 e Bakhtin: 1987: 13).

Como Paul Veyne observou (1992: 202), os deuses das religiões que se baseadas em livros são seres gigantesco, declaradamente superiores ao mundo - o qual, aliás, eles criaram. Esse tipo de deus só existe como ator de um drama cósmico e transcendental, no qual os seres humanos põem em jogo a dúvida trágica sobre sua salvação. Os deuses do paganismo, de modo contrário, vivem as suas vidas e não se deixam reduzir a um papel metafísico. Junto com os homens, estes deuses fazem parte do mundo e esta é uma das razões pelas quais tais formas de relacionamento com o divino têm algo de incompreensível para nós, ocidentais, do século XXI.

As imagens que se faziam no contexto medieval para revelar as coisas divinas eram elaborações que nossas mentalidades e sensibilidades contemporâneas dificilmente podem absorver. Por exemplo, Deus representado como um glutão insaciável; Deus como um ser que tem fome; Deus como um ente que quer beber e comer sem parar; Deus como alguém com um ventre gigantesco, capaz de deglutir as faltas e os pecados do mundo. Jesus pode ser mostrado como um bêbado que distribui à farta copos de vinho aos profetas, pois o amor divino tem paralelos com a embriaguez. Enfim, nessa



maneira medieval de ver, Deus é alguém que faz as mesmas coisas que os homens.

O cristianismo oficial, da Igreja, desde a Antiguidade, sempre condenou o riso. Sempre repeliu, sobretudo, a gargalhada. Sempre fez apologia da seriedade constante, da circunspeção. Proclamou em todas as circunstâncias a necessidade do sério, em sinal de contenção, de dor e de arrependimento pelos pecados. Sabemos o quanto o cristianismo oficial sempre preferiu destacar o sofrimento, pelo que este contém de expiação. Para esta religião, o riso e as burlas, as brincadeiras, não provêm de Deus. Emanam antes do diabo. Daí serem raríssimas, no interior das igrejas, as representações do Deus cristão, esquecido da sisudez habitual, entregue às gargalhadas. São igualmente muito raras, raríssimas mesmo, as imagens de santos sorrindo, liberados da fisionomia grave, séria, circunspecta e muitas vezes dolorosa que são obrigados a representar. Quanto ao demônio, entretanto... Quem sabe não está embutida nestas concepções uma atitude muito antiga em relação ao prazer?

No princípio da Idade Média a dimensão orgiástica da cultura de todo-mundo penetrava muito profundamente nos círculos religiosos. Os esforços da Igreja com *I* maiúsculo eram baldados, diante da força da igreja com *i* minúsculo. A primeira não tinha alternativa de curto prazo senão a de tolerar... Assim, durante muitos séculos esse núcleo de poder que a Igreja representava foi obrigado a conviver com uma cultura na qual rir não significava correr risco. Antes de poder proclamar em alto e bom som que muito riso fosse sinal de pouco siso, que este e aquele não fossem lugar de brincadeiras, imagine-se quanta concessão foi a Igreja compelida a fazer em seus projetos de comunicação, para atingir pessoas que não acreditavam no sério e dele até mesmo tinham desconfiança. Como os políticos hábeis de hoje, sabedores da necessidade de uma pitada de humor nos discursos para atingir certas camadas do eleitorado, quanto de “estratégia comunicacional” - teatros, malabaristas, palhaços, imagens grotescas... - foram os evangelizadores constrangidos a inventar nos campos e cidades medievais, para terem chance de êxito na transmissão das mensagens cristãs!

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. Brasília: UNB, 1987.

BURKE, P. *A cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.



- BLOCH, M. *La société féodale*. Paris : Albin Michel, 1968.
- DALARUN, J. *Amor e celibato na Igreja medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- DAVIS, N. *Culturas do povo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- DUBY, G. *A Europa na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- FÈBVRE, L. *Le problème de l'incroyance au XVI siècle*. Paris : Albin Michel, 1947.
- HEERS, J. *Carnavales y fiestas de locos*. Ba: Península, 1988.
- HUIZINGA, J. *O declínio da Idade Média*. São Paulo: Edusp, 1978.
- ROSSIAUD, J. *A prostituição na Idade Média*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- THOMAS, K. *A religião e o declínio da magia*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991.
- VEYNE, P. O Império Romano. In: Veyne, P. (org.) *História da vida privada I*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.